

Reynaldo Aloy*

Economia - Brasil Teremos, enfim, um ano novo?

Variáveis macroeconômicas estão muito bem administradas pelo governo

Fim de ano é época de fazer balanço e de tentar prever o que acontecerá no exercício seguinte. O otimismo para 2004 é grande. A maioria está convergindo, e com elevado grau de certeza, para um cenário de crescimento econômico do País. Existe um consenso dos especialistas sobre o tema, fato que não se observava há muitos anos. Pode-se afirmar que, enfim, teremos um ano novo.

As variáveis macroeconômicas estão muito bem administradas pela equipe econômica do governo e, mantendo-se a firmeza nas rédeas, as principais variáveis continuarão a apresentar resultados sempre positivos, o que nos permite pensar em condições melhores a curto prazo.

A inflação, principal ameaça à economia, foi controlada e a tendência é de continuar em queda. A taxa de câmbio, que chegou a mais de R\$ 4,00/US\$ 1, hoje está abaixo dos R\$ 3,00. O risco Brasil, que alcançou a irreal marca de 2.000 pontos, hoje está abaixo dos 600 pontos. A taxa básica de juros (Selic) que, ao final do 1º semestre era de 26,5 %, já está em 16,5 %, com tendência declinante.

Outra grande notícia de fim de ano é que o saldo da balança comercial deve fechar com um superávit de cerca de US\$ 24 bilhões, o melhor da nossa história, graças a uma política mais agressiva de exportações conjugada com uma contenção natural das importações.

Houve também um grande esforço para se alcançar metas estabelecidas com o FMI, co-

mo a do superávit primário, em que o saldo entre a receita e a despesa do governo deve ser mantido em aproximadamente 3,5 % do PIB.

Esta situação limita os investimentos do governo, impedindo geração de empregos e de outros benefícios na cadeia produtiva. Por outro lado, vem permitindo ao País desfrutar de maior volume de reservas estrangeiras para enfrentar possíveis desequilíbrios no mercado internacional.

O brasileiro vem passando por dificuldades para que tais resultados sejam alcançados. A economia doméstica continua sendo impactada negativamente desde o governo anterior. Não podemos esquecer que seu aquecimento e seu crescimento são muito importantes

para a geração de empregos e distribuição de renda, e também por ser uma das variáveis fundamentais para estabilização política e de credibilidade para o investidor externo.

Precisamos reconhecer que o preço da estagnação é muito alto, pois afeta diretamente a oferta de empregos e distribuição de renda, além dos reflexos na economia interna.

As expectativas para o próximo ano são das mais otimistas. A inflação deverá ceder para algo em torno de 6% ao ano, o câmbio deverá se manter estável, o risco Brasil poderá chegar perto dos 400 pontos (dependendo do crescimento

de nossa economia) e a taxa Selic está sendo estimada em 14% até o fim do ano (descontada a inflação teremos juro real de 8% ou menor). A balança comercial poderá alcançar o excelente saldo de US\$ 18 bilhões e o crescimento do PIB deverá ser de 3,5% ou mais.

São previsões otimistas porque os fundamentos da economia estão sendo mantidos e surtiram efeito já em 2003. A melhora da economia nos EUA, com a estabilização nos juros americanos, também terá reflexos positivos para o balanço de pagamentos do País.

Além disso, a queda dos juros internos resultará na redução da dívida pública, liberando recursos para investimentos do governo, no aumento da oferta de crédito, do consumo

(existe um consumo reprimido significativo) e, num efeito multiplicador, na atividade econômica como um todo, gerando novos empregos e melhor distribuição de renda.

Com essa radiografia da situação atual e expectativas para 2004, podemos dizer que estamos recebendo um belíssimo presente de Papai Noel e que o ano que vem será realmente novo, principalmente se o governo conseguir manter um nível satisfatório de investimentos em infra-estrutura.

* Economista e presidente do Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (ibef-Rio).